

AS FLORES DA NOSSA CRENÇA

EDSON CARVALHO VIDIGAL*

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Meus Colegas:

A vossa decisão fez com que eu pudesse chegar até a esta tribuna. E daqui não devo apenas recordar aqueles sacrifícios que a nossa força de vontade e a boa vontade dos nossos mestres ajudaram a enfrentar, ao longo de tantos dias de trabalho que se encompridaram em noites de estudo. Não preciso falar da alegria com que recebemos o Diploma, mas devo, com alegria, falar das novas responsabilidades que, por causa do Diploma, nos aguardam. No vosso nome preciso, porém, antes de tudo, agradecer aqueles que, em nos ajudando, contribuíram para que vivêssemos esta noite.

Agradecer não é dizer apenas "muito obrigado". Agradecer, é reconhecer. Agradecer, é ser fiel ao gesto que se mereceu de outrem e retribuí-lo com a Vitória, que sem a ajuda recebida não se teria conquistado. A vitória, portanto, não tem um dono, porque não é apenas nossa, pertence também aos que são Pais e aos que souberam ser Amigos. A eles proclamamos o nosso agradecimento por nos terem colocado nos caminhos da escola, o nosso reconhecimento pelas dificuldades que, por nossa causa, tiveram que passar e a nossa profunda gratidão pelo incentivo que nos souberam dar.

Quanto a nós, colegas - o que não podemos é esquecer, numa hora como esta, os muitos que não tiveram esta vez e os tantos que estão a sonhar com ela! Enfrentamos sacrifícios, tivemos dificuldades, muitos até sacrificaram o estômago no custeio da alimentação do espírito, para



*Ministro do Superior Tribunal de Justiça, a partir da Constituição de 1988.
Discurso de formatura do curso ginásial do Colégio São Luís, no salão da Associação Comercial de São Luís, Maranhão, em 15 de dezembro de 1966.

possuírem, ao invés de uma mesa com jantar, uma carteira com livros, numa sala de aulas. Outros trocaram a quietude noturna do lar, o convívio da família, os entretenimentos, para saírem toda noite, livros nas mãos, força de vontade, correndo rumo à escola, como que em busca do tempo perdido. Quantos, como eu, olharam para trás e, conferindo o relógio do tempo, viram a poeira dos tantos dias que se passaram e que perderam... Mas nesta noite, em que sentimos que estamos vencendo, não podemos esquecer os muitos que não tiveram esta vez e os tantos que estão a sonhar com ela! E sem que me perguntem quem são eles, eu lhes digo que são os naufragos da nossa catástrofe social e que ainda nadam contra as ondas do desestímulo e da falta de oportunidades, procurando alcançar uma escola como a uma ilha de salvação. Eles são aqueles novecentos que em cada grupo de mil não conseguiram concluir o curso primário. São também os oitenta e três do grupo de cem que, terminando o primário, evadiram-se da Escola Média. Eles e nós somos as figuras deste quadro berrante, mas que, infelizmente, ainda contemplamos em nossos dias: de cada cem concludentes do primário chegados ao Curso Médio, apenas vinte e cinco são poupados no Ginásial, oito no Colegial e daqueles cem apenas quatro conseguem chegar às portas da Universidade, para onde nós - os sobreviventes - devemos ardentemente pretender caminhar.

Aos muitos que não tiveram esta vez e aos tantos que estão a sonhar com ela, a nossa solidariedade e a nossa promessa de que não os esqueceremos. A lágrima e o suor que tiverem de brotar quando as letras exigirem que eles falem ou escrevam para sobreviverem à vida, serão Protestos, mas serão também exemplo para que cada um de nós não desista da caminhada para o saber e para que tenham mais forças na resistência, quando as chuvas das dificuldades caírem mais intensas sobre nós.

O Padre Lebret, no seu livro "Manifesto Por uma Civilização Solidária", nos ensina que "de nada serve inflamar a juventude com fórmulas ilusórias, pois o que de melhor podemos dar não é conduzir os jovens a qualquer mito que os dispense da pesquisa e do esforço". E nos aconselha: "É à verdade do pensamento e da ação que devemos convocar os jovens". Entendo assim também. E creio especialmente difíceis as tarefas que aguardam cada nova geração. Por isso, de experiência própria, posso proclamar que o atual sistema escolar deste País ainda se mostra deficiente, sem atrativos à juventude para a modalidade de ensino que as conveniências do progresso estão a exigir. É necessário que se dêem condições aos brasileiros para que, com os dividendos do seu esforço, todos contribuam, e não se possam mais, em nosso País, contemplar quadros com as estatísticas gritantes, que eu citei, e que nos mostram aquela alta percentagem de analfabetos - o que, incompatível com os nossos legítimos anseios de desenvolvimento e justiça social. Precisamos formar, mais e mais, técnicos de nível médio para a indústria, para o comércio, para a agricultura, para o magistério. Mas precisamos também de mais e mais escolas para nelas se formarem esses técnicos.

Compartilho da opinião de que os cursos funcionem de modo a permitir a distribuição dos alunos de acordo com as suas aptidões, orientando-se para os estudos predominantemente intelectuais apenas os que manifestarem essa tendência, enquanto os demais seriam encaminhados as ciências aplicadas em cursos de cunho acentuadamente mais prático. Às escolas secundárias deve ser dado um caráter mais funcional que melhor as vincule às atividades econômicas das regiões onde se situem.

A Escola é o núcleo principal do conjunto celular do País. Precisamos educar, produzir e industrializar, pois de nada adiantariam dinamos, se não houvesse a educação técnica para fazê-los funcionar.

Somos uma geração surgida depois da guerra, a quem a necessidade de vida imprimiu um espírito de rebeldia, que nos coloca na situação de sitiantes a nossa própria consciência de jovens, que receberam uma difícil tarefa que haverão de cumprir no trabalho árduo da edificação de uma Pátria bem melhor aos que nos sucederem. Dos escombros da guerra nossos antecessores aprenderam e nos deixaram a lição de que a Democracia, como conquista dinâmica, elimina os vírus do totalitarismo.

Estamos com a Democracia porque estamos com a liberdade, maior conquista do homem que saiu da pedra lascada para lavrar um hino à civilização. Proclamamos, nesta hora - mais uma vez - as nossas convicções democráticas, o nosso mais puro e ardente Amor à Liberdade, o nosso horror maior ao totalitarismo, em quaisquer de suas formas. Estamos com a Democracia porque repudiamos a ditadura, que ignora a comunidade, que se arroga de uma independência total, que não possui regras permanentes e nem fundamentais, pois a sua própria lei é a do momento. Na democracia, há a legalidade. Na ditadura, não há lei e nem base legal alguma. Na democracia, a vontade do governante é o resultado de um anseio coletivo. Na ditadura, a vontade do ditador, é a vontade do ditador, que não se deixa peiar por processos legais. Na democracia, há a autoridade e a harmonia dos três poderes. Na ditadura - adverte-nos Maclver, sociólogo norte-americano - o que se constata, a exaltação do executivo acima do legislativo e a conseqüente equiparação do decreto à Lei, a insistência da ortodoxia política, a supressão de todas as opiniões desfavoráveis ao regime.

O mundo pagou um preço muito caro para dar a si mesmo a lição de que a luta contra o totalitarismo tem que ser mantida, pela preservação da Democracia e pelo domínio da Liberdade. Democracia - é preciso que se esclareça - é o que Lincoln chamou de "Governo do Povo, pelo Povo e para o Povo"; Democracia, o que o filósofo Aristóteles denominou de "Governo por

um grande número"; Democracia não é aquela "interpretação vesga dos exegetas" e sim a tradução daquelas duas palavras, raízes do grego - demos e kratía - que significam "a autoridade do Povo, o Poder do Povo".

Concordo com um pensador político de nossa época - Carlos Lacerda - que "a Democracia não é um regime pronto que se possa encomendar aos juristas e entregar aos políticos para simplesmente vesti-la, como se fosse roupa feita. Democracia, um processo constante de aperfeiçoamento ao qual a Nação ascendo na medida em que se educa e adquire condições para se Governar. Educar, fazer progredir a Democracia". Escola para todos, o único meio válido para se chegar a uma Democracia, para a promoção do desenvolvimento, para a prosperidade de todos e não apenas para o enriquecimento de alguns. Negar escola à maioria é o único meio válido e mais eficaz para se retardar a Democracia, assegurando-se o domínio de uma oligarquia que deve ser destruída, em vez de tolerada.

Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Esta noite não é apenas uma noite de formatura, um instante de despedida, o encerramento de uma missão. O conhecimento das novas responsabilidades, que por causa do Diploma nos aguardam, nos deu a convicção de que estamos vivendo é mais um início, que esta vitória não dá por encerrada a nossa luta. O que até agora demos ao Maranhão e ao Brasil não constitui ainda o mínimo do que eles estão a exigir de cada um de nós.

Teremos que voltar, colegas, aos livros e às Escolas - onde nos reuniremos, certamente, a novos homens desta mesma geração, sem nunca perder de vista, contudo, que é preciso lutar, mais e mais, para que todos nós, sendo dignos do Maranhão e do Brasil, possamos ajudá-los a vencer as dificuldades que lhes impedem que a caminhada para o desenvolvimento seja no ritmo desejado e necessário.

Numa hora como esta, não há, portanto, encerramento e nem despedidas. Nós não pertencemos àquela geração que o poeta Fernando Pessoa classificou como “raça do fim, limite espiritual da hora morta, que vive a negação, o descontentamento e o desconsolo”. Nós não podemos consentir que o Brasil assista o triunfo das nulidades - e para lembrar Rui - que “o homem continue a ter vergonha de ser honesto”.

Ao mundo todos viemos para lutar! E nós lutaremos - hoje entrincheirados nos livros e amanhã na linha de frente das responsabilidades que a Pátria nos entregar. Inspirados por Deus, lutaremos todos, cada um com sua força de trabalho, pelo progresso; cada um, cristãmente, pela Justiça e pela Paz, para que possamos todos aguardar o futuro confiadamente e que nele não murchem as flores da nossa crença!

O que Roosevelt disse ao seu Povo, o que Kennedy repetiu para os estudantes de Costa Rica, eu creio que também posso dizer agora a todos:

- Esta geração, a nossa geração, tem um encontro marcado com o destino. Confio em que todos vós compareceis a esse encontro.

E até lá.